

Diário de bordo

Disciplina Oficina de Educação Superior ; Prof. Dr. Marcos Sorrentino

Discente: Lucas Mazzero Fernandes

1. CinedebateSesc- Índio Presente (09/04)

Falas do debate que geraram reflexões.

“Se educar é perceber o mundo na roça do meu pai. Ali tem química, biologia, história. A cada semente a marca de um conhecimento ancestral” Marcia Wayna kambaba no debate Cinesesc. Documentário ÍndioPresente Equívoco #2 e #6- Abril indígena.

“A antropologia conceitua alteridade, diz muitas coisas sobre ela e roteiriza sua prática, o indígena a pratica no seu dia-a-dia.”

Síntese da minha percepção: No âmbito indígena a educação é tarefa coletiva e multidimensional. Na sociedade hegemônica a educação é técnica, metodológica, sempre autocentrada com apologia ao sucesso individual como meta maior da vida humana. Acho que estamos educando as pessoas para o sofrimento e a alienação. Estar cheio de conhecimento e motivações autocentradas gera condições e sementes de sofrimento e miséria ética, moral e pessoal. Aprender e apreender é se conectar, partilhar trocar, criar. Estar cheio de conhecimento e vazio de conexões e motivações éticas é estar alienado, a educação hegemônica é alienadora e não gera autonomia.

2. Aula 1- Impressões imaginativas (11/04)

Conhecemos tantos teóricos, lemos seus livros, escutamos as teorias. Sabemos nos educar e educar ao outro. Animais sociais que somos, nascemos em contexto de partilha e aprendizado. No entanto, não esses espaços formalizados, de títulos, méritos e provas no qual ensinamos peixes a subir as árvores e macacos a voar. O que isso diz sobre a realidade?

Não sei! Meu corpo é um corpo de dúvida, de quem talvez nunca irá saber. Mas as ações que brotam do “não-saber” transcendem a capacidade de realização do “saber”. Me percebo relutante, rejeitando teóricos. Porque? Azia da conjectura atual? Canseira dos mundos de sonho que não se materializam? Nossos modelos dão a sensação amarga de falha, derrota, insucesso. Mesmo assim precisamos dos modelos e dos teóricos. Carecemos de paredes, do banheiro, do professor, do livro, da lousa. Do que carecemos realmente?

Vejo crianças como terra e os conceitos são sementes, o complexo semente terra irá gerar frutos e a sociedade como um todo irá colhe-los. O que estamos semeando na mente humana? A educação co-emerge em interdependência com os valores culturais, cultura é construção dinâmica. Ainda assim educação formal é modelo estático, é histeria e raiva coletiva, é grito de dor e senso comum em nossas bocas.

Educação é “normose”. Normoses são bolhas de realidades que se estabelecem no espaço-tempo segundo nossas projeções fantasiosas e ilusórias, a pegadinha da bolha é se fazer sólida

e séria, em pouco tempo estamos tragados para dentro de uma realidade de construção abstrata que se faz sólida e real e emerge seus efeitos no mundo.

Existe uma dimensão inexplorada, intocada e deixada de lado pela educação, é a dimensão do infinito para dentro. Enquanto isso, buscamos mexer nas coisas lá fora na esperança de que o mundo se ajeite as nossas expectativas e que criemos o melhor mundo possível. De nobres propósitos se dilacera o fígado de Prometheu. Cáucaso é a prisão dos intelectuais, seu fogo o conhecimento, e sua ignorância insistente o fígado corroído pela águia.

A educação é um projeto social, de construção artificial, nunca é coisa visceral ou real. Como coisa construída, envolve seres de construção e seres de construção possuem propósitos construídos e nunca absolutos, por isso sempre estamos abarcando em parcialidades construídas e sujeitas a impermanência. Perceba, o passado também muda. Porque? Todo conceito é um conceito parcial!

A cada construção um conceito, a cada conceito um desdobramento, a cada desdobramento uma separação, a cada separação a ruptura de uma paz fundamental. A educação é construção do medo e da esperança, porém enquanto houverem medo e esperança nunca haverá paz ou melhor cultura de paz.

Como construir uma educação sem medo e sem esperança se os conceitos estão prenhes de medo e esperança? Como construir uma educação livre se os conteúdos nos aprisionam, congelam nossos olhos e criam manias de construção específica. A dualidade caiu por terra a mais de cem anos, mesmo assim estamos presos nela a milênios, a dupla fenda quântica nos mostrou a inseparabilidade do cientista, do modelo e do experimento.

Assim o é em salas de aula também, mesmo assim insistimos em separar conteúdo didático, mente do professor, mente do aluno e chamamos isso tudo de realidade real. Mentira! A história vem sendo reconstruída debaixo dos nossos narizes provando que o passado também muda, que o cosmos se dobra a descoberta de cada nova subpartícula atômica e que tudo é mais plástico e fluido do que gostaríamos que fosse. Dentro desse mundo líquido e dinâmico o que nós podemos fazer com esse instrumento maravilhoso e amargo que é a educação?

3. Navegando e aprendendo (15/04)

<https://www.youtube.com/watch?v=ww02BK2VY00>

Quem não foi Paulo Freire (Fonte: MeteoroBrasil acesso 15/04/2019 às 21:45 Referências utilizadas no vídeo: Dados sobre analfabetismo: <http://portal.mec.gov.br/component/ta...> Mais dados sobre analfabetismo: <http://portal.inep.gov.br/documents/1...> Alunos de Paulo Freire em Angicos celebram 50 anos do projeto <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-...> Posse do novo ministro da educação <https://www.youtube.com/watch?v=oBZnr...> Imagens da UFRGS <https://www.youtube.com/watch?v=EkOhC...> Informações sobre gastos do Brasil com educação <https://oglobo.globo.com/sociedade/ed...> Folha relata padrões educacionais da ditadura militar <https://abecedario.blogfolha.uol.com....>)

“Adendum”

Percepções fantasmagóricas, são apologias da distopia/utopia de cada mente! A educação é lente, cheia de cores. Descontextualizar a história é estratégico não apenas hipotético, é guerra

ao direito de saber, é um projeto catatônico de hegemonia... A manutenção do poder não é apenas coerciva, é discursiva e invasiva! O novo projeto educativo fala de fumaça e caos para encobrir corpos reais, sangue real e lágrimas reais, cenas reais de uma violência imposta.

A pobreza material é violência imposta, é um “cala a boca” normalizado e estatizado, a intelectual é um simples desdobramento dessa imposição. Não há referência, porque a bipolarização é simplesmente imbecilizante. Na minha ingenuidade otimista ativo vibro com o processo de morte das estruturas, adiante iremos mergulhar na morte da estrutura e no seu resignificar! Vibro porque aquilo que faz emergir a estrutura é inalienável, não é passível de ser morto, coagido, corrompido.

O que faz emergir as estruturas não pertence a alguém, nem a grupo algum, nem a sobrenome ou a nome, nem a autor ou teórico algum. O que faz emergir a estrutura é criativo, dinâmico e enquanto houverem grupos de seres formando sociedades haverá a emergência de estruturas e seus desdobramentos.

Mesmo que a insanidade delirante de co-optar a realidade em nome de projetos autocentrados do Capital nos tome a todos, há sempre movimento na história, sendo assim há sempre morte de estruturas antigas para o renascimento de novas. Imagino Sócrates tomando a Cicuta e algum cosmopolita a dizer: “Mantenham a ordem na Polis, assim sempre o foi e será!”. Mas Sócrates se reinventou três mil vezes, em Bizâncio, em torres obscuras de Franciscanos, em porões medievais, depois em guilhotinas matando reis e assim ao infinito.

Talvez o desespero velado que permita e consolide as condições de projetos ditatoriais e totalitários seja o desespero da certeza de falta de solidez nas estruturas frágeis que permitem momentaneamente a manutenção do poder para determinadas categorias sociais. Ao se verem ameaçadas dentro de si mesmas pela liberdade que permeia todo o pensamento humano é preciso arranjar subterfúgios e projetos que entorpeçam momentaneamente a dinâmica da sociedade.

Como a educação está na base de absorção do conceito-mundo, nada mais eficiente que dobra-la segundo a vontade de um projeto de poder específico, impedindo todas as outras formas de pensamento e ação que não façam parte do ideal de poder hegemônico. E melhor, criar inimigos em acusações auto-projetivas, acuso o outro daquilo que estou prestes a fazer e confundo o senso social.

Assim nascem as nuvens escuras do totalitarismo e da ignorância. A boa notícia é que nunca houve nenhum totalitarismo que não se rendesse a natureza livre do tempo-espaço e que não caísse em suas próprias contradições.

4. O que é autonomia? (16/04)

A alienação fundamental

Alienar-se é perder a capacidade de autonomia. Segundo Kant (1724-1804): "*Autonomia é a capacidade da vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível.*"

A paixão é alienatória, a polarização é apaixonada, a crise é apaixonada e obcecada por conservar estruturas já decompostas, a economia e a política atual são subjugantes pela origem autocentrada e egoístas de suas forças propulsivas.

As crises cíclicas são sintomas da força que produz a alienação, porque algo que é regulado por decisões não-autônomas não pode produzir harmonia por si próprio. Logo, estamos no ápice da alienação, do colapso, da ruptura... Decisões oriundas de estados de paixão incoercível podem resultar bons efeitos coletivos? Não estamos todos apaixonados por essas forças propulsoras?

Quanto mais buscamos saber mais alienados ficamos, quanto mais buscamos respostas dentro da própria estrutura mais alienado estamos. Porque é assim? Porque a estrutura foi construída a partir de valores autocentrados e alienantes, ou seja, forças opostas a autonomia dos seres e, portanto, a nossa lucidez. O esgotamento de sentido dos valores, dos significados, das estruturas e da função do sistema econômico/político/social é resultado do próprio mecanismo de alienação dos seres.

Quanto tempo demora pra percebermos a inutilidade dos valores que absorvemos de forma passiva, vulnerável e que construíram seres frágeis, sem resiliência, sem possibilidade de autonomia e criação?

Sendo assim ,quanto mais reforçarmos a polarização, os velhos discursos, a conservação da estrutura econômica em detrimento do bem-estar coletivo dos seres (não apenas os humanos, mas de toda Biosfera), mais evidenciamos o absurdo estado alienatório da realidade até que o esgotamento de sentido das coisas nos leve a romper de vez com os modelos antigos e colapsem a estrutura globalmente.

Lutar por mecanismos doentes é estar na doença, é estar doente! Eu estou assim, você está, seu pai está, sua tia-avó, o papagaio do seu vizinho, o banqueiro, o deputado, o presidente, o lixeiro, o policial, o professor. Quase todos em todos os espaços estão imersos na obscuridade e alienação, porque fomos ensinados e educados assim!

Não estamos no efeito de uma crise social estamos no efeito de uma crise de sentido coletivo, de esgotamento das forças que dão sentido a realidade como a vemos. Então, a ruptura, não tem a ver com dinâmica política e social, mas com a perda de sentido das percepções, com a ruptura de sistemas que esgotaram a sua força em produzir sentido, harmonia e felicidade.

O panorama atual é intensamente positivo porque quanto mais desgovernada e confusa tornar-se a sociedade, mais estamos perto de perceber em larga escala a inutilidade das estruturas que construímos e o esgotamento de seu sentido.

E quando percebermos de vez o esgotamento do sentido? Então a estrutura morre e colapsa, ou em agonia ou em transformação. Sempre foi assim, das primeiras coletividades humanas, aos impérios, até as monarquias absolutistas, os regimes totalitários, tudo teve seu nascimento, seu ápice e seu esgotamento e perda de sentido.

Quais são os valores da nova estrutura emergente?

Não sabemos! O que determinará isso é aquisição de nova autonomia social. Estar autônomo é estar livre do controle das afetações e paixões que nos corrompem, portanto, elevar-se e observar como nossas paixões, inclinações e egoísmos produzem nossa alienação é um ato de trabalho a favor de uma humanidade renovada e com maiores possibilidades de harmonia.

Não basta estudar a política, a economia, a ciência, a religião e ter uma opinião ou conclusão sobre as coisas, ou um plano de ação. Não basta ser um trabalhador, ser um ativista social, um cumpridor de suas funções, o cumprimento da função não é força desalienadora quando vinculada a atividades que tem sua origem na manutenção das coisas como elas são.

Caso trabalhemos apenas para a estrutura estaremos trabalhando para continuidade da doença, caso trabalhemos pelo bem-estar e felicidade dos seres estaremos emergindo disso. É possível de dentro da estrutura romper com ela quando percebemos a dimensão de liberdade criativa humana e que essa liberdade é incessante na história, podendo produzir sentidos adequados a cada época e espírito do tempo, produzir renovações salutares e necessárias a continuação de nós como espécie.

Porém a busca de solução por si é continuação da alienação e da falta de autonomia. Não basta a crítica das estruturas externas e uma busca por solução se não trabalhamos por adquirir autonomia interna e perceber a inutilidade das alienações internas criadas na crise e colapso de nossos sistemas culturais, econômicos e políticos.

Se é assim, estamos ainda operando dentro dos limites das forças que produzem a alienação e o sofrimento atual e adoeceremos, cedo ou tarde. Vide as crescentes taxas de transtornos psíquicos e fenômenos ligados ao mundo contemporâneo como depressão, suicídio, crises de ansiedade, drogadição, todos são sintomas do sistema que segue operando nos seres, de nossa alienação fundamental.

Portanto, a única rota de recuperação dos sentidos é a que harmoniza a percepção do mundo de fora com o que está produzindo os fenômenos psicológicos do mundo de dentro, é, portanto, autonomia em amor, paciência, percepção de equidade e alegria no esforço entusiasmado de nós construímos cada vez melhores e não como projetos finalizados da natureza, é uma posição de eterno aprender e humildade perante a complexidade da realidade dos fenômenos e adaptabilidade e criatividade da mente humana.

É uma perspectiva acolhedora já que aborda a crise não a partir do medo que a alienação produz, mas como oportunidade de auto-transformação e segue ecoando positivamente na trama social.

Por isso, as mudanças se dão em movimento ascensores, do microcosmo individual até o nível macroscópico da cultura e da sociedade e em nível descendente da decomposição e colapso das estruturas sociais até o compadecimento individual que mobilize vitalidade de mudança e ação dinâmica.

Como facilitar o “desencasulamento” dos seres? Primeiro descansando-nos? Depois educando-os? De que maneira emergirmos disso? De que maneira os educar para contemplar motivação, valores e ética e concluírem vantagens numa cultura de paz, de introspecção empática, de autoconhecimento, de empatia ética?

O esgotamento só virá quando abandonarmos os mecanismos que seguem operando na manutenção da alienação coletiva, como: a polarização, a falta de empatia, a falta de percepção das motivações coletivas e individuais, o apego aos projetos de vida autocentrados, a perda de visão empática aos seres naturais, a falácia do sucesso individual, o consumismo desenfreado e o sistema econômico obeso que se vê carente de recursos desejando sempre crescimento ilimitado como possibilidade real. Ou olhamos pra isso agora ou quando o processo de colapso já tiver estabelecido estados de caos e desordem absoluta a nível ecossistêmico, social, econômico e cultural.

5. O imaginário coletivo e a educação. Pra que serve se educar? (16/04)

<https://www.youtube.com/watch?v=-WfcJgIsIRk>

Fonte de inspiração e reflexão: **Estudar não dá em nada?: A polêmica da MC Mirella (#Pirula 300)** acesso 21/04/2019 às 19:00.

Nesse vídeo o biólogo/paleontólogo e divulgador científico Paulo Miranda de Nascimento, conhecido como Pirula, faz algumas reflexões sobre o papel da educação na vida dos indivíduos. Após um episódio polemico no qual uma artista de grande prestígio nacional reuniu alunos em frente a sua antiga escola numa região periférica e declarou: “Não estudem, estudar não leva a nada. Vão curtir a vida...” o biólogo comenta suas percepções intrapessoais acerca de como a educação modificou sua trajetória de vida.

O ponto mais interessante e relevante, ao meu ver, é contrapor a motivação intrapessoal na busca de felicidade, alegria e realização entre a ideia de que o poder de consumo traz felicidade e a ideia de preenchimento de significado, de razão, de paixão pelo conhecimento.

Outro ponto interessante é evidenciar o discurso de que a função da educação é simplesmente e unicamente uma possibilidade de ascensão social e econômica. Esse é um vídeo reflexivo e baseado na opinião pessoal do interlocutor, contudo sua experiência como educador em ensino superior e sua própria trajetória de vida produziram visões relevantes para o debate da educação e sua função coletiva e individual.

O vídeo é longo, mas vale a pena ouvi-lo enquanto fazemos tarefas mecânicas como limpar nossa casa ou cozinhar. Aproveitem!

25/04 AULA 02

Embotado pelos sentidos e sentimentos de duas semanas turbulentas, escrevo essa breve narrativa. Percebo que as estruturas internas guardam muito pouco da totalidade absorvida. Não vou tentar me embasar em guias, em textos já escritos ou na narrativa de meus colegas. Esse será um exercício sincero da memória e da reflexão, como forma experimental de fazer surgir imagens reais de um estudante da pós. É isso! Não ao self-idealizado e um grande sim a realidade...

Ao entrar na sala percebo magnetismo em cartazes que não compreendo porque não havia realizado a tarefa autobiográfica, já que os sistemas on-line e cronogramas em muros do departamento me tapearam e levaram a pensar que o início letivo da matéria fosse em outro dia.

Estou aborrecido e frustrado pela desorganização de alguém que não sei quem é. Contudo os cartazes possuem magnetismo brilhante. Miro alguns, me

chamam atenção cores e legendas, fotos e sorrisos. O que faz as pessoas se definirem “isso” ou “aquilo” e não “esse outro” ou “aquele outro”?

São as experiências, os conceitos, conhecimentos, a família, a sociedade? O que tudo isso tem a ver com educação? Tudo é um mistério grandioso e bonito, todas as vidas na parede da sala são ventos raros do Cosmo. Improvável, não impossível. Improvável que a evolução biológica resultaria em macacos tão interessantes de se ver, possível porque enxergo!

A sala é um círculo, o vídeo no projetor é uma crítica ácida, é a azia do século, de cubículos apertados e ao mesmo tempo asseados em seu esmero formal. Estou num deles, num daqueles dos ápices de um processo, somos o ápice do processo educacional?

Olho para os lados, vejo os cartazes, pessoas atentas em fótons de um projetor, que se chocam na parede, mas aquilo são apenas fótons. Só que a imagem e o discurso apelam a um nível de identidade, de significados e signos que disparam no interno de cada um uma emoção e sentido diferente. Rimos da analogia do peixe que escala árvores. Será por identificação, será pelo absurdo? Não sei! É uma grande piada cósmica irônica....

A leitura de um texto, referências a Bauman. Recordo que comecei a ler “Tempos Líquidos” e nunca o terminei, sinto vontade de retomar a leitura. Observo o ritmo de leitura de cada um dos meus colegas, alguns parecem se esforçar pela perfeição, alguns parecem apreensivos. Ouço vagas analogias de caçadores e cultivadores.

Existe uma sincronicidade entre o vídeo, o texto os cartazes e a postura de cada um. A atividade de leitura mais extensa foi extenuante e dispersora das mentes. Converso com um colega que compartilha da mesma impressão, sinto unanimidade no coração, mas talvez isso seja mais sensação do que realidade.

Divisão em grupos e discussão de obras de fichamento. Não sei o que é um fichamento, não li nenhuma obra específica para aula. Nos reunimos em roda,

fora da sala. Cafés, sorrisos. Meus colegas contam suas obras. Discutimos sobre o paradigma educacional, mas vamos mais afundo na vida deles e na minha e enfim surgem percepções muito bonitas. As pessoas são impressionantes!

Desejo forte que eles tenham sucesso, mas que o sucesso deles seja em cativar as almas, em ser fonte de tudo isso que absorveram de sua jornada. O que isso tem a ver com educação? Ainda não sei! Mas sinto-me indo por caminhos promissores.

Falo sobre um livro que mudou minha trajetória, O ponto de Mutação de Fritjof Capra, eu o li duas vezes, absorvi cada átomo do livro é justo usá-lo, os outros poderão “antropofagizar” meu conhecimento assim como estou fazendo com o deles. Um grande clã moderno simbiótico!

Não devoramos mais as pernas uns dos outros para sermos guerreiros bons, mas absorvemos o cérebro do outro em ganas de ascender nosso intelecto aos céus. A grande questão bonita aqui, é: pra que utilizaremos isso? Isso dependerá de nossas motivações? De novo, o que isso tem a ver com educação?

Voltamos a sala e temos que apresentar um cartaz com nossas semelhanças e diferenças, com os maiores desafios da educação nesse século, definir termos como educação, escola, aprendizado e não me recordo mais qual. Uma frase e uma pergunta.

Fizemos a tarefa como foguetes disparando em direção a lua, muitas ideias e criatividade. Foi muito prazerosa a tarefa em grupo, chegamos em consensos e dissensões que nos fizeram aprender e questionar.

O que será da tecnologia em sala de aula? Não se acostumem com a normatização, com a normose, compartilho a opinião de que a maior habilidade desse século será adaptabilidade já que a contemporaneidade é líquida. Será que ela se tornará gasosa, um plasma superfluido sem sentido algum?

Na tarde de Sol dourado e nuvens macias num departamento cubículo, cheia de gente amorfa, polimorfa e transmorfa cada um apresentou seu resultado e

percepção. Surgem questões: Prazer e ensino? Animo da alma para viver como professor? Educação polimorfa, multifuncional, autônoma? As outras dimensões humanas estão contempladas no processo educacional? Como os pequenos jovens irão incorporar a tecnologia? Mas, principalmente: como agir, o que fazer, como resolver?

Resolver o que, pra quem? Fazer o que, pra que? Se fizer vai dar problema, se não fizer também. Ou o problema é um ponto de vista? O que isso tem a ver com educação é a pergunta que mais rodeia a minha mente. Silenciar antes de agir, talvez?

Ao fim o professor propõe essa escrita sobre a aula, e algumas palavras chave para discorrermos. Então aí vão elas!

FELICITO: A partilha de percepções. A luminosa vida de meus amigos! A luta do professor. A vontade transformadora que move cada um.

CRITICO: A desorganização dos sistemas online do Janus e dos cartazes presos em muros da pós. A dificuldade que tenho de usar a ferramenta do STOA.

PROPONHO: O estímulo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências em sala de aula. (Ver Gardner)

PERGUNTO: Podemos fazer mais atividades transdisciplinares? Exemplo: Dialogo com saberes populares, percepção da interpessoalidade e intrapessoalidade dentro da sala de aula.

Trazer o mundo natural além do pedagógico, filosófico e científico. Observar como animais se educam, etc. (Os animais, principalmente os altriciais possuem processos lúdicos de aprendizagem descritos pela etologia) Porque não olhar para isso e entender como rudimentos de educação?

6. A gênese do silêncio como forma de resistência.(06/05)

Há um recrutamento de ministros que seguem a linha de pensamento de Olavo de Carvalho, creem que exista um fantasma comunista assombrando os corredores empoeirados dos departamentos universitários, espalham dados fictícios e tendenciosos para legitimar a falsa irrelevância de pesquisa, extensão e ensino universitário público.

Há o desmonte da Universidade pública brasileira, nos ensinos médios e fundamentais o projeto Escola Sem Partido é um projeto de escola com um único partido e sem pensamento livre, no imaginário popular há uma doutrinação ditatorial imposta por movimentos sociais e políticos de esquerda. Da esquerda que destruiu o mundo!

Marxismo cultural, a religião biônica universal, o “terraplanismo”, a URSAL, o efeito estufa é mitológico e o fantasma de Marx é real, a extinção das espécies é alucinatória e mamadeiras de pênis são factuais. Você não conhece esses termos, esses “fatos”? Acha irrelevante conhecê-los? Quando termos de alucinação estão determinando ações reais é melhor perceba-los e reconheça-los antes que seja tarde!

O nascimento da pós-verdade contemporânea, de estratégias bélicas de poder, o descrédito da Ciência, da academia e do conhecimento. O aumento da paranoia social e popularização de teorias conspiratórias. A demonização dos movimentos sociais e confrontos diretos, a popularização das redes sociais como espaço político determinante num pleito.

Você acha que defender a Universidade, os movimentos sociais, o meio ambiente, a Ciência, o ensino livre nas escolas é ser de esquerda? Você acha que pensar em estratégias econômicas desenvolvimentistas, planos de expansão para o país, valores familiares, minimização da ação e poder do Estado é ser de direita?

Bem-vindo a bipolaridade esquizofrênica! Questões humanas são co-optadas por projetos de poder, um projeto de país democrático só é possível em cenários de livre troca de ideias, em cenários de livre diálogo e informação. A pós-democracia não precisa de um rótulo para ser ditatorial, ela já o é no esvaziamento dos espaços de debate e na guerra generalizada por espaço de voz, de poder econômico, poder cultural.

Infelizmente é impossível pensar em educação sem pensar em política e na sociedade matriz que originou o modelo educacional. Todos aqueles humanos que, por boa vontade resolveram aderir a crenças de mudança e rupturas sociais, não conseguiram transmitir muito bem suas ideias. Nem em sua ingenuidade previram a capacidade humana de confundir, atacar, ferir e criar discórdias para manterem posições de poder e privilégio.

Todos os atores sociais que estão engajados em lutas de rupturas e transformação da sociedade, sejam eles anarquistas, marxistas, leninistas, trotskistas, de centro-esquerda, anarcocapitalistas, neoliberais moderados ou simplesmente sem ideologia alguma estão bestificados pela crise política atual.

Enquanto isso, vivemos o pleno desenvolvimento e expansão de um projeto de poder de extrema direita, com vieses ideológicos bem definidos, com estratégias, com o cerceamento lento das liberdades, minando toda e qualquer possibilidade de construções saudáveis.

E o que a Universidade tem a ver com isso? O que a educação tem a ver com isso? Tudo! Receio ser tarde para não surfarmos a onda que se alastrou. O projeto de poder do governo atual das direitas ultranacionalistas ao redor do mundo, sua legitimação e seu apelo popular dará o que pensar a muitos cientistas políticos, pedagogos, educadores, cientistas, filósofos, movimentos sociais e a humanidade como um todo.

Numa sociedade saudável ambos os lados do espectro político servirão ao florescimento de instituições sociais igualmente saudáveis.

Chego à conclusão de que é preciso reconhecer, e entender a estratégia de poder daqueles que tomam decisões que afetarão o ambiente Universitário e a sociedade como um todo. Podemos manter qualquer espectro político em mente, sermos adeptos de pensadores ambivalentes, de centro, de esquerda, de direita e de lá fora ou mais abaixo.

Mas não podemos nos curvar a projetos de poder que irão destruir ou no mínimo interromper e danificar conquistas sociais coletivas. Podemos discutir as verbas para as universidades, as cotas, os conteúdos, mas não a demonizar e incendiá-la com brados de ódio e discursos psicóticos.

Podemos discutir a validade das pesquisas, sua aplicabilidade e sua utilidade social, mas não eleger governantes que indicam ministros afeitos a ideólogos charlatões, projetos de educação sem dados, sem diretrizes. A única diretriz e o único plano que o governo tem é “eliminar a ideologia marxista das escolas”. A boa notícia é que um projeto de ódio e destruição não vai muito longe, o ódio esvazia em si mesmo, pois ali não existe obra, não existe trabalho construtivo...

O projeto é destruir o marxismo cultural nas universidades e escolas. Sendo o marxismo cultural uma alucinação da extrema-direita, por quanto tempo um projeto assim pode durar? No que erraram os professores, educadores, acadêmicos e cientistas em se comunicar? Qual a estratégia que a extrema direita tem para contaminar o poço, ou seja, deslegitimar especialistas e seus dados e enaltecer conspiracionistas que se auto intitulam filósofos como o Olavo de Carvalho?

A coisa é extensa, e o próprio fato de que cada opositor, eleitor de Bolsonaro, cidadão insatisfeito com a crise econômica dos governos anteriores, que ler esse texto irá automaticamente enquadrá-lo como “comunismo universitário” para dominar o mundo diz muito sobre essa estratégia.

Repetir uma mentira diversas vezes até que ela se torne verdade, contaminar o poço enquadrando qualquer opositor dentro de critérios de desmoralização usando termos vagos como “comunista safado” é parte dessa estratégia.

Atualmente sou adepto de um radicalismo do silêncio, partindo para sínteses de novas sabedorias, pois nenhuma das vigentes foram capazes de prever, segurar, dialogar ou mesmo arrefecer a onda de obscurantismo vinda dos discursos beligerantes que ascenderam as direitas ultranacionalistas e conservadoras ao redor do mundo.

Na prática isso funciona como avaliar as deficiências, os erros e as idiossincrasias que permitiram este momento e também entender como funciona, de que maneira se dá e o que pretende esse novo/velho projeto de poder que emergiu e como podemos trazer lucidez e tranquilidade as questões.

Trazar isso para o mundo como forma do profissional, do professor, do pai, do amigo e do cidadão que pretendo ser, sou nunca acabado, mas sempre em construção. Nada precisa ser transmutado, transformado, criticado pois os movimentos não se dão mais por lógica.

Para combater ações alucinadas precisamos de uma sabedoria alucinada, essa sabedoria se recusa a imergir nos conceitos e estruturas para buscar no silêncio a síntese e a transformação.

Na prática, isso não é não fazer nada e ser passivo, é uma forma de iluminar espaços que ainda permanecem intocados pelos discursos, confrontos, conteúdos e traze-los e convida-los a apreciar e modificar a realidade.

Não é mais a reflexão sobre as estruturas que será capaz de reverter o cenário de desgaste da educação, mas é a imersão no silêncio fundamental, na unicidade, na complexidade, na intencionalidade unificadora. O mergulho para o infinito de dentro permite um espaço de intensa criatividade e empatia.

(07/05) Negociações

“Transcurso do mar de ideias, somos navegantes de ilusões antigas, que são de todos e são de Um... Jamais ido! Jamais vindo! O ar que respiro... O que estamos fazendo agora é fruto do que fizemos antes, o que viveremos amanhã será fruto do que estamos fazendo agora...”

Uma sala de reunião apertada com meus colegas, surgiram dissensões no projeto, surgiram controvérsias, contradições e resistências individuais e coletivas. Que bonito! Talvez por coincidência, ou não, ontem lia exatamente sobre isso na bibliografia do tema “pedagogia de projetos”.

“Os projetos surgem de um tema globalizante que provocarão os estudantes levando ao confronto das ideias divergentes, síntese das divergentes e ao poder de negociação do grupo para formar redes na execução e realização do plano e do projeto.”

Vivemos isso na pele, e isso é maravilhoso, segue o diálogo...

Pessoa 1- Lucas, precisamos de uma direção. Então apresentamos a possibilidade de se fazer um projeto, mas dentro das técnicas que já existem. O aluno teria que ter como pré-requisito cursado matérias como recursos ambientais, restauração florestal e entender as técnicas para poder aplica-las no projeto. Não dá pra ele entrar na matéria achando que pode salvar o mundo, que pode recuperar tudo.

“Minha consciência-pensamentos- Diálogos internos” – “Quem nos fez crer em limites? Que tipo de insegurança nos leva a pensar que velhas abordagens podem resolver novos problemas? Que tipo de derrotismo nos fez pensar que não temos a responsabilidade de consertar os problemas que causamos de forma integral? Porque as pessoas se derrotam quando falam de problemas ambientais, sociais? Por que o ser humano tem tanta resistência em mudar, em ser fluido? Ao mesmo tempo não precisamos mais de soluções pela metade, ou a solução do meio serve?”

Lucas- , Deixa eu te fazer uma pergunta, você acha que com as metodologias e abordagens sociais e científicas existentes temos dado conta de resolver as questões ambientais?

Pessoa 1- Não..., Mas, a gente....

Lucas- Então porque devemos nos limitar dentro do que já existe? Porque não podemos usar novas abordagens?

Pessoa 1- Imagine só um aluno de graduação do primeiro/segundo ano de graduação, você acha que ele tem a capacidade de fazer alguma coisa significativa? De aplicar um projeto?

“Minha consciência- Eu acho que crianças tem essa capacidade, imagine um aluno de graduação....Oras, pelo menos assim poderia o ser. Quem podou nossa dimensão criativa?

Outra voz: Não, Lucas... Na realidade é isso! As crianças tem mais capacidade que os adultos porque ainda não estão presas nas coisas que já existem. Outra voz: Tente entender, você sabe fazer o que está fazendo? Não, ainda não tenho experiencia ou práticas nisso! Então não é razoável manter algum nível de segurança?

Sim, é sim...!

Outra voz: Mesmo assim, não é razoável mudar também? Os problemas são reais, urgentes e são sistêmicos e complexos, não é se tornando especialistas e técnicos-instrumentalizados que vamos resolve-los...Tem que mudar lógicas de pensamento...Busque a síntese, você está aprendendo com essa pessoa, talvez ela com você , tente sintetizar um renascimento positivo na fusão dessas ideias!”

Nesse meio tempo de segundos muitas coisas passaram por mim...Somos multidões, dentro de nós há multidões e várias personas começaram a dialogar, mediando, ponderando, avaliando, ressignificando, incluindo e refletindo.

Os pontos principais que surgiram: De repente vi os moldes e a rigidez, vi que eles são bons e ruins. Essa pessoa tem razão dentro de um modelo que se proponha a aplicação metodológica do conhecimento as técnicas, as leituras e bibliografias são importantes. Não acho que seja esse o problema. O problema é dimensionar, a capacidade humana, limitando assim sua criatividade, sua capacidade de adaptação, sua engenhosidade. Capacidade infinita, mentes infinitas, corações infinitos presos em problemas complexos tendo de seguir jogos e jogos de regras que estão falhando...É muito comovente, muito significativo!

Lucas- Não me oponho aos métodos. Se a gente quer fazer alguma coisa, tem que seguir por alguma direção, com ferramentas específicas. Eu entendo a dificuldade que estamos tendo aqui! Nunca ninguém nos ensinou isso, nunca tivemos um modelo assim!

Lógico, nas primeiras tentativas podemos falhar. Mas porque o ensino não inclui a falha no processo, sendo que a falha é coisa do mundo real?

Você entende que não queremos que os alunos façam a teoria da relatividade 2? A ideia com o projeto é que ele mire bem lá no alto, e então, a partir disso, isso possa despertar neles o interesse, a paixão e a autonomia que irá nutri-los pelo resto de sua carreira.

Esse aluno pode não ter ferramentas para resolver isso agora! Mas e se no pós-doc dele, instigado pela dúvida, pela tentativas e erros, ser ele a pessoa que vai encontrar uma nova metodologia! Sei lá, por exemplo para medir a evapotranspiração das plantas. O maravilhoso da Ciência é isso. A Ciência, não é. A Ciência sempre está sendo. Ela é passível de transformações, de modificações. E ai se nos perguntam porque utilizamos determinadas metodologias as pessoas irão dizer: “ Ahhh meu orientador que indicou assim, eu li no artigo de fulano que faz

assim” ...Mas porque não questionamos os métodos que utilizamos? Afinal eles são o nosso fazer diário e na educação é assim também. A gente está educando pra que, porque?

Pessoa1- Eu sei! Mas você acha que um aluno de segundo ano é capaz de fazer alguma coisa significativa e aplicável na realidade.

Lucas- Claro! Veja o exemplo dos amigos que ministram a disciplina e fizeram projetos com os alunos. Como eu disse...A gente tem que incluir as tentativas e erros também. Se não as pessoas chegam aqui com essa mentalidade de que não pode errar, de que a vida é só acertos. Errar é bom, grandes cientistas e pessoas importantes em outras áreas erraram muitas vezes antes de chegar a algo significativo.

Pessoa 2- A gente tem um exemplo de erro que foi bem chato. Os alunos da graduação estavam acompanhando o projeto de um mestrando que tentou ser criativo, mas aquilo não tinha logica alguma, o cara estava fazendo tudo errado...

“Minha consciência- De certa maneira, entendo-os! É muito difícil pensar outras maneiras de se pesquisar, de se educar quando está sob tanta pressão e cobrança...Não é uma tarefa fácil, é uma das mais complexas que já vivi! Ao mesmo tempo estamos muito preocupados com nossas dissertações, teses, com qualificações, gestão de orçamento de campo, matérias, notas e avaliações, dinâmica social dos grupos. É muito razoável querer preservar e conservar as coisas como elas são, é muito compreensível. Mas não é necessariamente benéfico; Como, a longo prazo, construir sínteses positivas entre as ideias e saberes? Entre todas essas abordagens”

Lucas- Sim, vocês têm razão... Não sabemos o que pode ser isso. Nas primeiras tentativas pode ser um desastre realmente. Mas ainda acho que vale a pena. Lógico que agora temos pouco tempo pra isso, pra fazer um plano de ensino tão fora da caixa...

E sim, vocês têm razão, precisamos de uma certa segurança e credibilidade. Mas ainda assim, acho que esse processo é de construção incessante. Não parar de re-aprender, tanto na ciência, quanto no ensino. Não precisamos descartar as metodologias existentes. E também não tem problema em usa-las na nossa abordagem, podemos usar a pedagogia de projetos para algo disciplinar e conservador, por exemplo. Imagine um projeto sobre o levantamento e caracterização de todas as maneiras que temos de fazer um inventario fitossociológico, ou de dendrologia. Isso é bonito e útil. Mas porque não usar, também, o espaço aberto a criatividade?

Pessoa 1- Sim a gente pode manter a pedagogia, mas tem que trazer os conteúdos para a disciplina.... Você é alguém que seria um professor que iria questionar muito os alunos. Iria deixar tudo em aberto! Eu não consigo, eu preciso que tenha um chão, preciso trazer coisas para a sala que sejam mais práticas, mais pragmáticas e que realmente ensinem. Para que eles possam aplicar os conteúdos.

Lucas- Eu acho que me fiz entender errado. Não tenho nada contra os conteúdos e nem as metodologias. Mas você entendeu certo a parte de questionar, realmente eu deixaria tudo em aberto.

Quero que a gente saia com mais dúvidas daqui. Mesmo assim, acho que a pedagogia de projetos encaixa tanto na sua maneira de ensinar quanto na minha.

Apesar de não termos uma experiencias de docência relevantes e longas, isso vai ter que ser posto a prova do tempo e da experiencia. Concordo em manter seu plano de aula porque acho que ele encaixa na pedagogia de projetos e entendo que esse tempo que a gente tem é curto

para fazer um experimento tão inovador de pedagogia. Mas eu não quero que a gente olhe pra esse trabalho apenas como o trabalho da disciplina...sabe?

Eu quero, que amanhã depois, se a gente for professor mesmo, esse momento possa facilitar nossa vida e a de nossos alunos. Que, de repente, você será a professora do cara que na pós-doc dele vai revolucionar alguma coisa na pesquisa, na extensão, trazer benefício pros outros, sabe? Então é isso, é super útil as coisas que você pontuou. Mas espero que possamos aproveitar essa experiencia para um impacto positivo a longo prazo. E que seu jeito de ensinar possa me ensinar e vice-versa!

A conversa se estendeu até um ponto em que combinamos as coisas, a pessoa 1 e 2 me permitindo trazer a pedagogia e negociar os conteúdos do plano de ensino, e talvez, sendo instigadas pelas inteligências múltiplas e novas abordagens. Ao mesmo tempo meu pensamento sendo desafiado, me desafiando os pontos vulneráveis e que precisam ser vistos e pensado muitas vezes.

Foi muito significativa essa experiencia, foi dialogo de almas, de paixões, de lógica dedutiva, de sexo psicológico dos pensamentos heterogêneos que resultou uma prole mental repleta de coisas bonitas, uma cria instigante que é o desafio de estabelecer todas essas inovações de maneira formal.

Dentro da minha mente imaginativa, imagino as instituições, as culturas, os grupos sociais como figuras geométricas bem estabelecidas, alguns são triângulos e outros são quadrados, e outros esferas, e tudo isso que está querendo ser criado pela força da potencia e engenhosidade humana, pela força do inconsciente coletivo que é algo espectral, diáfano, fractoide ,é algo em vias de tomar forma...

As ideias não são nossas! Nunca foram, elas sempre estiveram disponíveis num armazém coletivo das mentes, prontas para ser absorvidas por toda a massa planetária de vida...A gente só ilumina o que já estava querendo tomar forma e nascimento! Para se construir algo precisamos de muitas pessoas e não do gênio, o gênio é mito romântico dos porões do século passado!

Então como vai ser a colisão da criatividade infinita humana com as formas já pré-estabelecidas e quando isso sair do imaginário coletivo e se concretizar, que forma terá?

Não sei, sei que quero me tornar um arquiteto desse processo, sei que essas pessoas e essas interações e aprendizados foram muito preciosos para meu crescimento e meu coração está cheio de vontade e alegria.

Talvez eu tenha essa dissonância, porque penso em tudo isso, não como algo sólido e fixo e nem como coisa séria, mas como algo fluido e gasoso e brincadeira cósmica, somos crianças cósmicas fingindo ser algo que não sabemos muito bem o que é e sofrendo por pensar esse algo coisa muito séria e problemática, mas o que é o que somos de verdade?

Cidadão de Bem e a escola do novo milênio. (16/05)

Quantas vezes não demonizaram a luz e outras estrelas por falta de compreensão?

Nas janelas eles observam, tromba o vento suave com a diversidade do mundo.

Ahh o medo da diversidade! O medo é revelação da fragilidade, de uma débil verdade!

Rufem os tambores, encham a boca de pólvora e queimem os livros pagãos ao som do hino.

Eles seguem com a firmeza de um castelo de areia. Seguem a trilha da divisão!

Batendo pregos em mãos, cortando línguas afiadas, fazendo leis com seu ouro.

O ofício ulterior da vida é controlar as ideias do reino, é fazer extinguir outras plantas.

“As plantas reais são as nossas, o que sobra é degradação moral e pragas. Queime-as!”

Sangue de Maria em suas mãos, uma menina estuprada agora é ministra de uma nação, o humano direito é porta da solução. “Direitos humanos para humanos direitos!”

Sodomia do filho oprimido é ironia cósmica, revelação da contradição da contramão.

Não seria coisa importante caso sua manjedoura não fosse o colo Hitler do pai, do herdeiro da nação!

De uma família de queimadores de homossexuais, que hoje senta o trono da nação!

Lúcifer é a síntese Cristica dos olhos do imperador. Sua fala sintomática é dialeto do inferno!

Segure o tranco menino! Todos aqueles que adoram a Deus não tiveram dificuldades em mata-lo no passado.

Educação para o gado, livre comercio das ideias. Uma grande roda gigante catatônica!

A astrofísica rebate na retina de uma menina da favela, 15 bilhões de anos em um coração de pai morto, e ela diz “ Não é meritocracia, é sorte e empatia!”.

Livre a escola dos comunistas, livre a Escola de Sócrates o primeiro baderneiro, o motor.

Deus Mercado! O Deus mágico infalível dos desejos insaciáveis. Deus vermelho orgástico...

Fará brotar matéria, fará cair a lei da gravidade e comerá o Universo no prato plano que é a Terra...

Ouro com gosto de sangue de índio, madeira com cheiro de quilombo morto. Solução, Risos!

Escarnio de miséria, é a morte das Madelenas nos becos cinzas da metrópole.

Sob o brilho do olhar e da baioneta, ele dialoga com um vizinho miliciano o sabor suave da carne preta.

No travesseiro macio, penas de ganso, embalam um sono suave a voz de um Cristo, que diz:

“Mate, mate, extirpe.... Mate de novo, ganhe o mundo, você é escultor do Éden”.

De manhã um velho profeta da astrologia, velho cismeiro que se refugia no Norte, dá o Coringa:

“Mate a educação, ela quer transformar a pureza das crianças em subversão depravada, em conluio vermelho! É o palhacismo cultural”

A alucinação é coletiva, é estado de esquizofrenia psicótica global...

São meditabundos, que pensam e cavilam tenazmente, nada além de uma convicção reluzente.

Cavilar e cismar é o ópio do povo, enquanto morre três mil “Marcos Vinícius” .

E mamãezinhas padecem: “É um Estado doente que mata criança com roupa de escola”

A águia flamejante está roendo o olho de Cristo, do mesmo que nasce como discurso legítimo.

O Cristo que invade becos de favelas e come o fígado negro, o rim pobre, a carne exposta.

O Cristo de decretos de fim de semana, de entregar as florestas risonhas a seu Deus.

Seu Deus, que é o mercado, um mercado de desejos insaciáveis sem fim, na boca amarga de duzentos milhões.

Reitero, naquela linda manhã de terça feira os adoradores de Deus não tiveram pena de pô-lo na Cruz , de abrir sua carne e fritá-lo como bife na Santa Ceia.

A única verdade luzente é um conto fabula de um mártir humilde, que adornado de ouro e templos é o que legitima a bala do fuzil atravessando o crânio do João ninguém.

Para todo cidadão de bem, há três mil litros de sangue de índio, na sala de jantar, no prego da cruz.

Para todo cidadão de bem, hão três mil pregos para crucificarmos Jesus.

Para todo cidadão de bem, hão dúzias de balas para matar Ogum e Nhanderu.

Esquecem que as ideias são a prova de bala e as vontades não se podem prender em jaulas adornadas e nem em discursos vazios do ódio.

Para cada chibatada na ferida pútrida do corpo de Jesus haviam três soldados, dois juízes e dez mil servidores, vigiadores e conservadores dos bons costumes.

O mesmo Jesus que eles comem no almoço e que justifica suas leis de cegueira e apatia!